

IDENTIDADES PARTIDÁRIAS E DE GÊNERO NO BRASIL DO INÍCIO DO SÉCULO XX: PAGU POR PAGU

Profa. Dra. Liane Schneider (UFPB)

Resumo:

*Com base nas ferramentas crítico-teóricas desenvolvidas a partir de um olhar interessado nas relações sócio-culturais das últimas décadas, interessa-nos buscar possíveis novas leituras de textos e contextos culturais. Assim, propomos trazer para nossa discussão o texto *Paixão Pagu: a autobiografia precoce de Patrícia Galvão* (2005), carta que Pagu escreve ao seu último marido e que foi repassada aos seus dois filhos. Estando aqui seu discurso diretamente exposto, material de natureza autobiográfica, intencionamos desenvolver o debate sobre essa mulher revolucionária que lutou pelos ideais comunistas e teve de lidar com tantas outras amarras, inclusive as patriarcais. Tendo por suporte Beard e Maingueneau, no que diz respeito à análise da autobiografia, buscaremos desenvolver o debate proposto através da revisão descolonizadora do contexto em que a carta de Pagu foi produzida.*

Palavras-chave: Patrícia Galvão; Pagu, autobiografia;

1 Introdução

Início essa comunicação explicando que o trabalho proposto, por razões óbvias e cronotópicas, teve de ser reduzido. Portanto, falarei nesse momento enfocando mais as identidades de gênero e os relatos do eu, dialogando apenas de forma breve e tangencial com as identidades partidárias, como foi anteriormente indicado.

Patrícia Rehder Galvão (1910 — 1962), mais conhecida pelo pseudônimo de Pagu, foi escritora, jornalista e militante política brasileira bastante atuante na primeira metade do século XX. Há vários trabalhos e estudos sobre a obra de Pagu, sobre seus elos com o modernismo brasileiro, sua participação política no Partido Comunista do Brasil ao longo dos anos 30. Nesse trabalho, contudo, apresentaremos uma discussão que se apóia na autobiografia que a autora escreveu como uma longa carta ao marido Galvão Ferraz nos anos 40, e que esse repassa ao filho Geraldo Galvão Ferraz já nos anos 70, aproximadamente oito anos após a morte de Pagu. Patrícia escreveu a carta quando grávida de seu segundo filho. Tanto Rudá, o primeiro filho que Pagu teve com Oswald de Andrade, quanto Geraldo Galvão Ferraz, seu segundo filho, após lerem esse material autobiográfico, decidem pela publicação do mesmo no livro *Paixão Pagu: autobiografia precoce de Patrícia Galvão* (2005).

Dessa forma, pelas próprias palavras da escritora, que escreve suas memórias, vale salientar, **jamais planejadas para publicação**, temos acesso às entrelinhas de sua vida, além das elucubrações que desenvolve sobre os laços entre vida, ideal, liberdade, política e amor. Acreditamos que suas experiências como mulher, principalmente nos anos trinta, pintadas aqui com suas próprias tintas e tons, sejam um bom termômetro para podermos avaliar como se davam as relações político-partidárias e de gênero no Brasil da época. Procuraremos desvendar como ela constrói e apresenta suas concepções sobre política, casamento, maternidade e sexo, já que esses elementos marcaram sua vida de ponta a ponta.

O ano de 1922, além de ser o marco da consolidação do modernismo brasileiro, também indica o início da organização do Partido Comunista do Brasil, ainda de forma bastante incipiente, com pouquíssimos membros, mas desde o início espelhado na Revolução Russa de 1917 e as mudanças que ocorriam naquele contexto. Ao longo da década de 20, portanto, foram sendo criados vários grupos em cidades brasileiras que organizavam o sonho de, ao invés de lutar pelo sucesso do

desenvolvimento industrial, ver organizações políticas formarem-se com base nas comunas russas. Com a chamada Revolução de 30 e a chegada imediatamente posterior de Getúlio Vargas ao poder, o espaço para organização do PCB diminuiu consideravelmente no território nacional.

É sabido que Getúlio Vargas teve inicialmente grande afinidade e interesse pelos movimentos fascistas europeus, entre eles especialmente o alemão e o italiano, simpatizando com a defesa de uma etnia e cultura nacional que fosse tão “pura” quanto o possível. Contudo, com o início da Segunda Guerra Mundial e a definição clara dos Estados Unidos, com toda sua força industrial e econômica, em posição absolutamente contrária ao fascismo, Getúlio Vargas alia-se aos americanos do norte. Assim, passa a defender valores que poderiam ser afinados mais automaticamente aos dos Estados Unidos, inclusive dando início a uma verdadeira cruzada contra os focos comunistas no Brasil. É exatamente nesse momento, nesse recorte de tempo que se dá a participação de Pagu no cenário político brasileiro.

2 O texto autobiográfico: resistindo à *persona* imposta

Por quais razões teria Pagu decidido escrever para o marido uma carta, usando sua voz, em primeira pessoa, a fim de relatar e tentar dar sentido a episódios muitas vezes apresentados de forma nebulosa sobre sua vida? Como mencionado anteriormente, a carta não foi planejada para publicação, mas a partir do momento em que se torna um texto, em que assume a forma de páginas coletadas e guardadas por anos dentro de uma pasta preta, há sim, um(a) leitor(a) imaginado(a). As margens entre autobiografia e ficção são discutidas e problematizadas há décadas, mas ninguém duvida que a opção pelo gênero autobiográfico esteja vinculada a um desejo de contar uma história por outro viés, por um olhar mais comprometido com experiências pessoais, o que acaba se manifestando como formas de “resistir a narrativas anteriormente construídas”, sobre situações ou identidades; ao recriar uma história, a autobiografia buscaria “desvendar os mecanismos de opressão, descobrindo novas fontes de força e poder, como ferramentas políticas” (BEARD, 2009, p.1-2)¹.

Nesse sentido, ideologias e identidades antes construídas pela perspectiva daqueles que assistiram um episódio, uma vida em seus desdobramentos, poderiam ser revistas a partir de novos pontos de vista mais vinculados ao privado. Como Smith defende em seu texto *The Autobiographical Manifesto*, as autobiografias “são textos que olham criticamente para o passado, mas também que se voltam para o futuro, com esperanças de novos arranjos, um novo conjunto de espaços possíveis” (SMITH, 1991, p.194). De fato, quem escreve um texto autobiográfico, geralmente exerce a escrita como um ato político, buscando desfazer estereótipos negativos ou questionáveis - na busca por mobilizar outras possibilidades de interpretação. (BEARD, 2009, p.7). Considerando o que afirma Maingueneau (2001, p. 46), a obra (seja essa qual for) “não está fora do seu ‘contexto’ biográfico, não é o belo reflexo de eventos independentes dela”. Portanto, um texto que de saída já se diz expressão pessoal, opinativo, mais intensamente estará atrelado ao momento vivido.

Nas mais variadas fontes, tanto impressas quanto digitais, em que vemos Patrícia Galvão ser discutida e apresentada como importante figura brasileira do início do século XX percebe-se uma construção externa da figura pública dessa mulher como alguém que objetivamente lutou desde sempre pelo comunismo, pela liberdade, por seus direitos e pelos direitos do povo. Em suas próprias palavras, no entanto, reconhecemos várias zonas acinzentadas na apresentação que a mesma faz no que se refere a como se dão as opções ao longo de sua vida, sendo diversas delas fortemente determinadas pelo gênero. Em relação ao texto autobiográfico de Pagu, interessa-nos primordialmente ver como ela enxerga, décadas mais tarde, seus vínculos com os modernistas, com

¹ Traduções do inglês são de nossa responsabilidade.

seus ex-maridos, com o partido comunista, com seu corpo e a maternidade.

Estranhamente, também essa carta privada e, mais tarde, publicada em forma de livro, é introduzida por fotos – fotos de vários períodos da vida de Patrícia, como se sua imagem fosse sempre seu carro-chefe – como se essa máscara externa interessasse mais do que aquilo que pretendeu relatar. Contudo, após vinte e quatro fotos em que Pagu aparece bem maquiada, em trajes de banho ao lado de alguns de seus companheiros, finalmente chegamos à voz de Pagu. Claro que essa apresentação inicial e imagética não foi escolha dela, e sim, mais uma vez, sua figura pública provavelmente foi apropriada por outros. Em todo caso, quando sua voz se faz ouvir, ela, dirigindo-se a Geraldo, afirma: “seria melhor que tudo fosse deglutido e jogado fora. (...) Talvez não valesse a pena a gente passear retrospectivamente. (...)”. Contudo, “o meu corpo quer extensão, quer movimento, quer ziguezagues” (GALVÃO, 2005, p. 51)². O que ela faz em sua carta a partir daí é exatamente isso - um movimento de ir e vir, adiantar e recuar, procurando entender ou explicar como tudo se deu naquelas décadas passadas.

Talvez um dos marcos da vida de Pagu tenha sido exatamente o uso que essa assume de seu corpo. Apesar de pertencer a uma família, de certa forma, tradicional, ainda que nem tão abonada financeiramente, tem comportamentos de fato surpreendentes no que se refere ao sistema de gênero. Ainda antes de completar doze anos, começa um relacionamento com um homem casado, sem que ninguém da família soubesse. Nada ali soa como uma grande história de amor, e sim, um passo para afrouxar os laços que a prendiam à família pequeno-burguesa, como lemos:

O primeiro fato distintamente consciente da minha vida foi a entrega do meu corpo. Eu tinha doze anos incompletos. Sabia que realizava qualquer coisa importante contra todos os princípios, contrariando a ética conhecida e estabelecida. Com certeza, havia uma necessidade, mas (...) nada tinha a ver com a entrega fisiológica do corpo.

(...)

Não tive precocidade sexual. Praticamente, só fui sexualmente desperta depois do nascimento de Rudá. E não foi por precocidade mental que entreguei meu corpo aos doze anos incompletos. (...) Tudo se passou sem o menor preparo. A predestinação dos impulsos. Ou a obediência à minha vontade determinante. Vontade que aparecia assim à toa. (GALVÃO, 2005, p.53)

Apesar de ter ocorrido quase que por acaso, essa entrega física fez com que Pagu se interessasse pelas artimanhas do amor; não necessariamente com aquele homem casado, mas do amor em si - “Era uma criança e só queria amar” (p.54). Como ela afirma, esse foi seu “primeiro jogo de sentimentos”.

De fato, ao longo do texto autobiográfico, há vários momentos em que surge diante dos nossos olhos uma mulher extremamente romântica, idealizadora não só das causas sociais, mas também das possibilidades e impossibilidades afetivas e sexuais que lhe são apresentadas. Romântica e menina, gosta de amar, mas o ato sexual em si não a atrai. Na verdade, ao longo de toda a vida Pagu aparentemente defrontou-se com essa dualidade – um amor, uma vontade de doar-se e uma dificuldade em lidar com o corpo de forma não romantizada. Determinada pelo período em que nasceu, um período em que várias portas ainda não haviam sido abertas pelas mulheres, inclusive a porta que garantiria um controle de gestações, Pagu engravida já aos quatorze anos. Quando pretende contar ao companheiro, homem casado, ele antes comunica que deixará o país. Assim, ela não revela a gravidez, vindo ali finalizado seu primeiro sonho romântico, sobrando-lhe uma situação a resolver. Não fica claro se ela faz um aborto ou se perde naturalmente a criança; em todo caso, não tem o bebê. Ainda surge posteriormente um possível noivo do agrado da família, mas esse morre de pneumonia. Mais uma porta para o convencional se fecha e Pagu só

² Todas as citações do livro de Patrícia Galvão serão dessa edição, que consta nas referências, aparecendo, ao longo do texto corrido, apenas com o número de página.

pensa em afastar-se dos seus:

Nada mais esperava da vida, a não ser, pacientemente, a evasão do ambiente em que vivia. Depois decidiria o resto. Em primeiro lugar, afastar-me. Um lugar onde pudesse respirar, longe de simulações, onde pudesse ser triste e livremente desgraçada. (GALVÃO, 2005, p. 56)

Claramente fica óbvio que a família, a organização dessa e seu lugar no grupo são fatores que a empurram para a vida pública, para fora do ambiente dito seguro. Em suas palavras ela coloca:

Eu não tive infância. (...) Eu sempre fui, sim, uma mulher-criança. Mas mulher. E, ao contrário das outras, não me revoltava o trato infantil. Dissimulava minhas idéias formadas. Eu procurava parecer criança. (...) Eu sabia que enganava todo mundo. Não havia nem conflitos, nem luta pró-independência. Eu me sentia à margem das outras vidas e esperava pacientemente minha oportunidade de evasão. (GALVÃO, 2005, p.57)

Os grandes nomes do movimento antropofágico lhe são apresentados no início dos seus vinte anos. Assim, conhece Raul Bopp, Oswald de Andrade, com quem acaba se casando. Antes disso faz um casamento pró-forma, apenas para tornar-se independente. Quando, oito dias depois do casamento pró-forma esse é anulado, Oswald, afastado agora de Tarsila, consegue aproximar-se de Pagu. Ao aceitar a aproximação, ela comenta em carta: “É difícil procurar a razão das coisas quando há vacilação. Tanta vacilação em viver”. Aos filhos conta como foi o começo:

Eu não amava Oswald. Só afinidades destrutivas nos ligavam. Havia, sim, um preconceito oposto aos estabelecidos. E, para não dar importância ao ato sexual, entreguei-me com indiferença, talvez um pouco amarga. Sem o compromisso da menor ligação posterior.

(...)

Quando segui para a Bahia, já estava grávida sem o saber. E, quando fui viver com Oswald, já existiam a mãe e a gratidão. Antes disso, ainda houve resistência. (GALVÃO, 2005, p.60-61)

Ao longo da carta nós, leitoras, ficamos procurando um motivo para a gratidão que Pagu aparenta dever a algumas pessoas, aqui especialmente a Oswald. Se o projeto que ambos defendiam era de libertação das opressões, de livre manifestação tipicamente modernista, por que devia ela tanto aos outros? Em seguida na mesma carta ela representa a alegria da descoberta da maternidade como um sentido para a vida: “Uma finalidade. Um velho sonho que tomava corpo. Uma razão para a vida. Senti que a paisagem já sorria. Como eram lindas as ameixeiras no quintal!” (Galvão, 2005, 61).

É sabido, contudo, que em seguida Pagu perde a criança e, como ela confessa na carta, sente-se culpada: “Um dia, eu matei a criancinha. Eu nada sabia dos cuidados que meu estado exigia”. Ansiando por movimento, foi nadar no rio Pinheiros e, com a correnteza forte, excedeu-se no esforço. No hospital, odeia por alguns segundos todos os bebês recém-nascidos. Depois dessa perda e de uma nova temporada na casa dos pais, aceita casar-se na igreja com Oswald, estando novamente grávida. Ela busca uma aproximação emocional, que, no entanto, nunca será possível com Oswald. Reconhece que se torna “mais nítida a possibilidade de realização do [meu] desejo de lar e de ternura” (p. 62) e, nesse espírito, procura o noivo às vésperas do casamento, dizendo ser agora “quase amor” o que sentia por ele. Ao adentrar o quarto de Oswald, o encontra com outra mulher. Ele não se espanta – disse a outra que sua noiva, ela, Pagu, era moderna e liberal. Pagu confessa que aceitou, mas não compreendeu, já que a poligamia e a mentira só fariam sentido para ela em relações opressoras, o que ela não pretendia ter com ele. Dispôs-se, contudo, a “lutar contra

os preconceitos de posse exclusiva”, (p.62) em favor de Oswald. A partir disso, a relação seguiu padrões revolucionários para a época. Quando está prestes a parir, Oswald confessa que não virá naquela noite, pois pretendia verificar se determinada moça ainda era ou não virgem. Como confessa Pagu, “sentia o meu carinho atacado violentamente, mas havia a imensa gratidão pela brutalidade da franqueza” (63).

Conclusão

Em resumo, Pagu foi adaptando-se à persona pública que criara – da mulher forte, menos sensível, menos carente que qualquer outra, bem resolvida, seja lá o que isso queira dizer. E teve o filho. E aí teve de confrontar-se com uma das figuras mais louvadas da história – a mãe. Como escreveu em carta: “Dentro, a infinitamente mãe. E a destruição lenta das sensações dessa infinitude” (p.65). Como se a cada dia ela tivesse de matar um pouco mais esse amor que poderia vingar, não apenas para comprometer-se mais com uma vida comunal, pelo social mais amplo, mas também por temer passar ao filho o que acreditava ter herdado como defeito de sua família. Podemos imaginar que, em sua vida interna, Pagu era uma extrema romântica, que abafava com dificuldades seus sentimentos. Através de uma atitude radical, decide afastar-se do filho Rudá, ainda bebê, para abraçar a grande causa do partido comunista. Aponta, contudo, que “a necessidade de luta surgiu ativando toda a revolta latente de [minha] vida insatisfeita” (p. 70). Sua primeira função seria levar, de navio, uma carta a Prestes. Pagu via nessa viagem, na figura de Prestes, uma interrogação. “E talvez fosse uma resposta. (...) Teoricamente (eu) ignorava inteiramente a doutrina marxista. Considerava ridículos todos os comunistas que conhecia” (p. 71), mas procurava, “na causa dos oprimidos a finalidade para a [minha] vida. Vontade de ser honesta e corajosa” (p.74).

Apenas depois do encontro com Prestes, quando conversaram por três dias, disse que passou a entender que o comunismo era coisa séria, de sacrifício. Foi essa impressão poderosa de Prestes “que [me] a jogou na política”, disse ela. A partir daí começa a estudar seriamente toda a teoria. Depois de conhecer Prestes, Pagu enxerga melhor o real tamanho de seu marido Oswald, sem romantismos e idealizações. Enxerga seu comportamento contraditório, sua corporalidade, enfim. Decide entrar de vez para os movimentos sociais, mais especificamente num movimento do sindicato da construção civil de Santos, sendo que, a partir de então, o contexto político passa a ser sua maior causa, razão de vida.

A carta segue respondendo coisas que a própria Pagu sequer ousara perguntar em voz alta no passado. Segue também, contando sua visão dos fatos, inclusive sem pressupor que as ideias viriam a público e seriam confrontadas ou questionadas. Confessa, mais adiante em seu texto, que as alegrias e satisfações que sentiu pelo seu engajamento político a fizeram sentir algo que se assemelhava a um fervor religioso (p.81). Quando Rudá adocece, ela não vai vê-lo e alguém lhe pergunta o que faria se seu filho morresse, ela responde – “os filhos de trabalhadores estão morrendo de fome todos os dias. O importante é a nossa tarefa de agora” (p.83). Só nessa carta posterior admite ter falseado os sentimentos, ter cegamente continuado sua tarefa, sendo inclusive presa pela polícia naqueles dias em que o filho adoecera. Teria Pagu realmente falseado os sentimentos? Seria tão incomum, incompreensível que ela estivesse naquele momento envolvida por demais com outras causas? Aliás, onde estaria o pai de Rudá aquelas alturas? Poderíamos defender aqui a ideia da culpa tardia de Pagu por não ter se adequadado à figura de mãe como um dos motivos para escrever a carta, que por vezes até esquece seu destinatário original – na verdade, foi escrito mais para si do que para outrem.

Podemos ler *Paixão Pagu* ao revés – ainda que ela ali critique seus projetos políticos e amorosos do passado, alegando ter perdido sua experiência como mãe e se decepcionado com o comunismo e com grande parte dos homens. Sua carta pode talvez aproximar-se do que foi “A carta roubada”, de Poe, relida por Lacan como forma de entender o que seria ‘signo’ e ‘valor’. Mais desdobramentos de leitura e interpretação serão necessários para que se possa compreender o que Pagu está relatando sobre sua biografia para Geraldo, seu segundo marido, para si mesma ou apenas

expondo os caminhos percorridos por sua psique ao tentar dar valor a algum signo que lhe seja fundamental – sua própria pessoa – enfim, estórias do eu, Pagu.

Referências Bibliográficas

GALVÃO, Patrícia. *Paixão Pagu: a autobiografia precoce de Patrícia Galvão*. Rio de Janeiro, Agir, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BEARD, Laura Jean. *Acts of narrative resistance: women's autobiographical writings in the Americas*. Charlottesville: University of Virginia Press, 2009.

SMITH, Sidonie. "The autobiographical Manifesto: identities, temporalities, politics". In: *Autobiography and Questions of Gender*, edited by Shirley Neuman, p. 186-212. London: Frank Cass, 1991.